

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
CURSO DE TURISMO – EMPREENDEDORISMO E POLÍTICAS
PÚBLICAS

JOSIANE AGOSTINI DE ALMEIDA REIS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ARTIGO CIENTÍFICO
A IMPORTÂNCIA DA REVITALIZAÇÃO DA RUA 14 DE JULHO
PARA O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL DE
CAMPO GRANDE, MS

**BIBLIOTECA
UEMS**

CAMPO GRANDE – MS
2015

Biblioteca UEMS
Tombo: _____
Classif.: _____
Proc.: _____
Data: _____

JOSIANE AGOSTINI DE ALMEIDA REIS

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ARTIGO CIENTÍFICO
A IMPORTÂNCIA DA REVITALIZAÇÃO DA RUA 14 DE JULHO
PARA O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL DE
CAMPO GRANDE, MS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Turismo - Ênfase em Empreendedorismo e Políticas Públicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul como parte das exigências para a obtenção do Grau de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Profª Ma. Luciana de Jesus Rabêlo Silva

CAMPO GRANDE – MS

2015



TERMO DE APROVAÇÃO

A IMPORTÂNCIA DA REVITALIZAÇÃO DA RUA 14 DE JULHO PARA O
FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL DE CAMPO GRANDE - MS

por

JOSIANE AGOSTINI DE ALMEIDA REIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso em formato de Artigo Científico intitulado "A IMPORTÂNCIA DA REVITALIZAÇÃO DA RUA 14 DE JULHO PARA O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL DE CAMPO GRANDE - MS" foi apresentado em 23 de Novembro de 2015, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Turismo. A acadêmica foi arguida pela Banca Examinadora composta pelas professoras abaixo assinadas. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho Aprovado.

Prof.ª. M.ª. Luciana de Jesus Rabêlo Silva
Orientadora

Prof.ª. M.ª. Alaíde Brum de Mattos
Membro titular

Prof.ª. M.ª. Sonia Lopes Bennett
Membro titular

R31i Reis, Josiane Agostini de Almeida
A importância da revitalização da Rua 14 de Julho para o fortalecimento da identidade cultural de Campo Grande, MS/ Josiane Agostini de Almeida Reis. Campo Grande, MS: UEMS, 2015.
28f.

Artigo Científico (Graduação) – Turismo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2015.
Orientadora: Prof.ª. Ma. Luciana de Jesus Rabêlo Silva.

1. Identidade cultural – Campo Grande(MS) 2. Resgate cultural 3. Patrimônio histórico I. Título
CDD 23.ed. - 910.9

A importância da revitalização da Rua 14 de Julho para o fortalecimento da identidade cultural de Campo Grande, MS

The importance of 14 de Julho street's revival for strengthening cultural identity of Campo Grande, MS

L'importance de la révilisation d'une rue commerçante du centre-ville de Campo Grande, MS pour la consolidation de l'identité culturelle locale

La importancia de la revitalización de la calle 14 de Julho para el fortalecimiento de la identidad cultural de Campo Grande, MS

Josiane Agostini De Almeida Reis*

(josiane_agostini@hotmail.com)

Luciana De Jesus Rabêlo Silva**

(lucianarabelo@uems.br)

Resumo: O objetivo deste artigo foi analisar se a revitalização da Rua 14 de Julho, principal rua comercial do centro urbano de Campo Grande, poderá contribuir para o fortalecimento da identidade cultural da cidade. Para a pesquisa foram utilizados os métodos comparativo, histórico e observação *in loco*, além de pesquisa bibliográfica e documental. Os estudos apontaram que a revitalização por certo atingirá o objetivo proposto caso sejam devidamente seguidas as diretrizes e estratégias propostas no Plano de Revitalização.

Palavras-chave: Patrimônio histórico. Resgate. Cultura.

Abstract: The objective of this study was to analyze the revitalization on 14 de Julho Street, the main shopping street of Campo Grande's downtown, could contribute to fortification the cultural identity of the city. For the research the comparative, historical, in loco observation methods were used, as well as bibliographic and documentary rummage. The studies indicated that the revitalization certainly achieve the proposed objective if the guidelines and overtured strategies are right and completely followed in the Revitalization Plan.

Keywords: Historical heritage. Review. Culture.

* Graduanda do Curso de Turismo – Ênfase em Empreendedorismo e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande.

** Mestre em Letras; graduada em Turismo; professora do Curso de Turismo – Ênfase em Empreendedorismo e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande. Orientadora do artigo.

RÉSUMÉ: L'objectif de cet article est d'analyser si la révilisation de la principale rue commerçante du centre-ville de Campo Grande, la Rue *14 de Julho*, peut contribuer à la consolidation de l'identité culturelle locale. La démarche adoptée est basée sur la méthode comparative et historique, l'observation *in loco* et la recherche bibliographique et documentaire. Cette étude indique que la révilisation peut atteindre les objectifs proposés à condition de suivre les orientations et les stratégies consignées dans le Plan de Révilisation.

Mots-clés: Patrimoine historique. Mémoire. Culture.

Resúmen: El objetivo del presente artículo es analizar si ha revitalización de la calle 14 de Julio, principal calle comercial del centro urbano de Campo Grande podrá contribuir para el fortalecimiento de la identidad cultural de la ciudad. Para la búsqueda fueron utilizados los métodos comparativo, histórico y observación *in loco*, además de la búsqueda bibliográfica y documental. Los estudios indicaron que la revitalización por cierto va a atingir el objetivo propuesto, caso sean seguidas debidamente las directrices y estrategias propuestas em el Plan de Revitalización.

Palabras-Clave: Patrimônio Histórico. Rescate. Cultura.

Introdução

O Plano de Revitalização do Centro de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, teve o seu início no dia 25 de março de 2009, quando o então prefeito da cidade de Campo Grande, Nelson Trad Filho assinou a ordem para a elaboração do Plano Local das Zonas Especiais de Interesse Cultural da Região Urbana do Centro – ZEIC's, com a finalidade de valorizar e preservar o patrimônio histórico, ambiental, arquitetônico e paisagístico da cidade.

Esse ato marcou o início de um novo tempo para a capital, pois, ao promover o resgate da história da cidade; revitalizar e despoluir visualmente as principais ruas do centro urbano; implantar um projeto que promoverá o enriquecimento cultural da população, através de um espaço para apresentações culturais; e proporcionar lazer e descanso para quem passar pelo local, estará valorizando os seus moradores e os visitantes que por ela passarem.

A Rua 14 de Julho, objeto de estudo deste artigo, desde a vinda da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, no ano de 1914, sempre se destacou dentre as demais como sendo a

principal rua comercial da cidade e também a preferida dos moradores para as manifestações político-culturais, permanecendo assim até os dias atuais (MACHADO, 2008). Também será a mais beneficiada pelo Plano de Revitalização, pois terá alteração nas vias de circulação de veículos para que as calçadas sejam ampliadas e para que uma área destinada ao lazer e a apresentações culturais surjam privilegiando os pedestres e a cultura de Campo Grande.

Mesmo sendo tão importantes no contexto histórico-cultural da cidade, os prédios e os monumentos da Rua 14 de Julho foram sendo camuflados pelos grandes letreiros e placas de publicidade das lojas que funcionam atualmente nesses locais, ou mesmo através do abandono e descaso de seus proprietários ou inquilinos que, há anos nem sequer a pintura das fachadas realizava. Dessa forma, apenas os que viveram o auge da Rua 14 de Julho, ou aqueles que se interessam pela preservação da história e da cultura da cidade, conseguiam enxergar a beleza e importância dessa rua no processo de identificação cultural da cidade de Campo Grande.

O Plano de Revitalização do Centro pode ser um instrumento de fundamental importância para se alcançar o propósito do resgate da história da principal rua do centro da cidade, bem como contribuir para o fortalecimento da identidade cultural de Campo Grande, através do aumento do sentimento de pertença em seus moradores, sendo este o objetivo geral deste artigo: analisar se a revitalização da Rua 14 de Julho poderá contribuir para se alcançar ou não, esse objetivo. Como objetivos específicos estão a averiguação, através de fontes bibliográficas e documentais, como ocorreu o processo de formação da cidade e como se planejou a revitalização do centro de Campo Grande; a análise da revitalização da Rua 14 de Julho; e comparar, através de exemplos de outras cidades (Curitiba e Florianópolis), que tiveram algumas ruas ou centro revitalizados, contribuindo assim para o reforço de suas identidades, com a cidade de Campo Grande, a fim de provar que o mesmo é possível, a revitalização da Rua 14 de Julho poderá contribuir para o reforço da identidade cultural da cidade.

Para a melhor organização e para tornar o assunto o mais claro possível, esta pesquisa foi dividida em temas considerados relevantes no processo da formação da identidade cultural de Campo Grande, como o histórico da cidade, o processo de formação étnica e da identidade cultural do campo-grandense, histórico da Rua 14 de Julho, vocação para o comércio da cidade, além da explanação sobre o planejamento e execução do Plano de Revitalização do Centro de Campo Grande.

Breve histórico da cidade de Campo Grande

Segundo Pereira (2002, p. 50), trineto do fundador da cidade, no dia 04 de março de 1872, José Antônio Pereira juntamente com o seu filho Antônio Luiz Pereira, tendo o sertanista Luiz Pinto como guia (o mesmo era conhecedor da região a ser conquistada por ter participado da expedição brasileira na ocasião da retirada da Laguna durante a Guerra do Paraguai), e de dois escravos, partem da cidade de Monte Alegre no triângulo mineiro com destino aos campos de Vacaria (terras que hoje correspondem ao município de Rio Brilhante), no sul do Estado de Mato Grosso. No dia 21 de junho do mesmo ano chega ao "Campo Grande" como era conhecida a região onde está situada hoje a cidade de Campo Grande e, tendo encontrado a região desabitada (PEREIRA, 2002, p. 21) e com o solo bastante fértil, escolhe esta terra para se fixar e fundar um povoado. José Antônio ainda precisaria voltar a Monte Alegre para buscar seus familiares, retornando no dia 14 de agosto de 1875, ao "Campo Grande" trazendo consigo uma comitiva com 61 pessoas, 11 carros de boi, cavalos e gado para tomar posse definitivamente das terras apossadas e a batiza de Arraial de Santo Antônio do Campo Grande (PEREIRA, 2002, p. 35). Era o início do pequeno povoado que ganharia um enorme destaque anos após.

Em 1899, o governo da Província de Mato Grosso cria o Distrito de Paz de Campo Grande, e dez anos mais tarde, no dia 26 de Agosto de 1909 é elevado à categoria de vila e município (ARCA, 2011).

Conforme Arruda (1999), em 1909, o engenheiro agrimensor Nilo Javary Barém elaborou o Plano de Alinhamento de Ruas e Praças, e o engenheiro Themístocles Paes de Souza Brasil, capitão do exército e perito em matemática e geometria, fez a demarcação. Nesse ano, segundo Themístocles, Campo Grande já contava com cerca de 1.200 pessoas (ARRUDA, 1999, p. 90).

O aumento vertiginoso da população campo-grandense viria a partir da vinda da Ferrovia Noroeste do Brasil (NOB) para Campo Grande no ano de 1914. Conforme afirma Oliveira Neto (2005), a construção da ferrovia que a princípio interligaria a cidade de Bauru em São Paulo à cidade de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, sofre uma alteração e em 1907 é definido que ao invés de Cuiabá, o destino final para a Estada de Ferro seria na cidade de Corumbá, tendo uma estação em Campo Grande. Campestrini e Guimarães (1997, p. 111) resumem a vinda da NOB para Campo Grande:

Em 1908, no governo de Afonso Pena, foi abandonado o projeto Itapura-Cuiabá, optando-se por Itapura-Corumbá. Emílio Schonoor, encarregado de estabelecer o traçado, incluiu nele a cidade de Campo Grande. A implantação da linha teve duas frentes: uma partiu (em 1908) de Porto Esperança, enfrentando a serra, os charcos do Pantanal e a malária; pouco depois, começou a de Três Lagoas. Os trilhos encontraram-se, na estação Ligação, nos arredores de Campo Grande, em 1914, possibilitando a ligação férrea entre Bauru e Porto Esperança, fazendo-se a travessia do rio Paraná, em Três Lagoas, por *ferry-boat* (CAMPESTRINI E GUIMARÃES, 1997, p. 111).

Conforme Cabral (1999), a inclusão de Campo Grande no traçado da ferrovia possibilitou o aumento das transações comerciais com o restante do país, facilitando assim a vinda de muitos imigrantes para Campo Grande repercutindo no aumento da população da cidade. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), vários empreendimentos foram se instalando no local próximo a estação ferroviária, para dar suporte aos funcionários que trabalhavam na construção da ferrovia.

Costa afirma que, Campo Grande alcançou desde cedo certa independência em relação ao governo do Estado de Mato Grosso: “no início dos anos 30 era uma cidade praticamente independente. Forte no comércio, que alicerçava sua economia, ostentava ares de metrópole...” (COSTA, 1999, p. 76).

Segundo Corrêa (1999), vários foram os movimentos e representações pleiteando a divisão de Mato Grosso até que no ano de 1977, por iniciativa do Presidente da República Ernesto Geisel, foi criado por meio da Lei Complementar nº 31, de 11 de Julho de 1977 o Estado de Mato Grosso do Sul, desmembrando-o do Estado de Mato Grosso, tendo por capital a cidade de Campo Grande, pondo fim a um anseio da população sulista que por mais de 50 anos esperou para ver seu sonho realizado.

Costa (1999) relata que as últimas décadas do século XX foram marcadas por grandes progressos na infraestrutura da cidade como a abertura de estradas e recursos para a urbanização, inclusive a criação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em 1972 (ano do centenário da fundação de Campo Grande). Surgiram novos bairros, *shoppings*, outras universidades atraindo cada vez mais moradores para esta cidade, estes vindos das mais diversas regiões do Brasil e do mundo.

Em 2007, Campo Grande comemorou 30 anos de capital, com um perfil metropolitano e com a população das mais variadas origens, manifestando em sua cultura toda essa miscigenação que foi tão peculiar em sua formação ao longo da História (ARCA, 2011).

Em 2015, passados 143 anos de sua fundação, Campo Grande possui uma população de 853.622 habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2015, sendo que no censo realizado em 2010, a população contabilizada foi de 786.797 habitantes.

Vocação para o comércio: início do desenvolvimento de Campo Grande

Barros (1999, p. 22), afirma que “A pecuária propiciou o primeiro núcleo de atividade comercial da vila”. O autor cita que, com o crescimento dos rebanhos das fazendas vizinhas a Campo Grande, os compradores fizeram da cidade o local preferido para realizar as negociações, já que a pequena vila ficava em uma posição privilegiada, bem no centro do estado e no caminho para Goiás e para o Triângulo Mineiro, locais para onde eram levados os rebanhos. Com o crescente aumento do fluxo de pessoas que por aqui passavam, logo foram surgindo comerciantes que abriram pensões, armazéns, bares e cabarés, aumentando assim o número de pessoas que vinham de outras partes do estado, do país e até mesmo de outros países com o sonho de prosperar nesta cidade.

Oliveira Neto (2005, p. 60) cita que “a elite política e econômica de Campo Grande foi formada com base no comércio e na pecuária”. Esses dois elementos foram os principais responsáveis por trazer o desenvolvimento à cidade, pois junto com o dinheiro advindo desses setores, veio a influência no cenário político da região, tendo saído desta cidade vários nomes de destaque na política, inclusive para o cargo de governador do Estado de Mato Grosso.

Cabral (1999), ao citar dados censitários do início até a última década do século XX, afirma que a economia de Campo Grande sempre esteve centrada no setor terciário, principalmente no comércio e na prestação de serviços, o que até os dias atuais não sofreu grandes alterações.

A Formação Étnica

O sociólogo Paulo Eduardo Cabral, em seus estudos descreve sobre a formação étnica e demográfica a que foi submetida Campo Grande desde os seus primórdios até os dias atuais, sendo que o movimento migratório foi o principal responsável pelo aumento da população campo-grandense (CABRAL, 1999). Os mineiros foram os primeiros a migrarem para Campo

Grande, sendo seguidos pelos gaúchos. Os negros também contribuíram para a formação étnica de Campo Grande. Nos primeiros anos do século XX, Tia Eva, uma ex-escrava vinda de Goiás chega a Campo Grande juntamente com seus descendentes e se instala ao norte da pequena vila (atualmente Jardim Seminário).

Com a vinda da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, muitos japoneses que vieram de São Paulo trabalhar na construção da ferrovia decidiram aqui permanecer ao término da empreitada, e por serem experientes no cultivo de lavouras, passaram a produzir hortifrutigranjeiros em colônias nos arredores da cidade (CABRAL, 1999).

Ainda segundo Cabral (1999), outro grupo que participou ativamente da construção da identidade cultural de Campo Grande foram os árabes. Estes vindos de vários países do Oriente Médio como Líbano, Turquia e Síria chegaram primeiro em Corumbá, atraídos pela prosperidade daquele lugar e montaram seus comércios. Com a decadência da cidade após Campo Grande se firmar como o principal entreposto comercial do estado após a chegada da ferrovia, estes comerciantes migraram para Campo Grande a fim de instalarem suas casas de comércio. Oliveira Neto considera a importância da presença desses dois grupos de imigrantes em Campo Grande chegando a afirmar que culturalmente, a presença de árabes e japoneses em Campo Grande tem uma importância tão marcante que, até a década de 70, “era comum ouvir dos moradores do lugar a definição de Campo Grande como uma ilha de turcos cercada de japoneses por todos os lados” (OLIVEIRA NETO, 2005, p. 100).

O intendente municipal de Campo Grande, Arlindo de Andrade Gomes, no ano de 1921 afirmou que “a população que chega de toda a parte, ricos e operários, acabará modificando os hábitos rotineiros, dando uma nova alma à política, inoculando nos homens que dominam, que constituem os governos, a vontade de progredir, o germen da ação, a ideia do trabalho” (GOMES, 1922, p. 57).

Nesse sentido, fica claro que naquela época, ainda no início do século XX, Campo Grande já apresentava a sua principal característica que predomina até hoje: as múltiplas culturas, de diferentes nacionalidades ou regiões brasileiras que somadas, caminham para uma única cultura que possa traduzir a identidade da cidade de Campo Grande.

Segundo Cabral (1999), portugueses, italianos, espanhóis, armênios, palestinos, paraguaios, bolivianos, gaúchos, catarinenses, paranaenses, mineiros, paulistas, nortistas (principalmente rondonianos) e nordestinos vieram para Campo Grande em busca de novas oportunidades e acabaram por contribuir para o que ele chama de “caldeamento cultural” que existe em Campo Grande e ainda está em fase de construção.

Cabral (1999) mostra dados dos censos realizados desde 1920 até o ano de 1996, onde a presença de migrantes sempre foi bem representativa, sejam eles vindos de outras regiões do Brasil ou mesmo de outros países, essa representatividade não se dava tanto pelo número de pessoas (entre os anos de 1970 e 1980, os migrantes correspondiam a cerca de 30% da população campo-grandense) e sim pelas fortes características culturais que possuíam. O autor afirma que,

[...] é das múltiplas influências oferecidas pelas diferentes culturas para cá trazidas que se tem urdido a identidade campo-grandense. Nesse processo, agregam-se novos traços, redefinem-se uns, outros são suprimidos e nessa dinâmica inventa-se e recria-se aquela identidade que, em processo de construção, mantém-se aberta aos adventícios, posto que receber gente oriunda de outras partes, estrangeiras ou não, tem sido uma das matrizes de sua formação, desde a gênese (CABRAL, 1999, p. 55).

Essa mistura de cultura dos diversos povos que aqui habitavam, resultou numa cultura própria, típica de Campo Grande, sendo que Sotilli Garcia (2013, p. 53) chegou a fazer o seguinte questionamento para se chegar a este resultado: “É possível uma sociedade viver sob uma não identidade? E sobre múltiplas identidades?”. A estas perguntas a autora concluiu que,

Por entender que uma identidade está em constante processo de construção [...] a cidade de Campo Grande, por meio de sua população, está na formação de sua identificação. Considera ainda que essa não caminha para uma identidade una, mas múltipla, relacionada, sobretudo, à sua diversidade cultural (SOTILLI GARCIA, 2013, p. 246).

Como a autora bem disse, Campo Grande está ainda no processo de formação da sua identidade cultural, e por assim entender se pode presumir que a revitalização do centro de Campo Grande e em especial a Rua 14 de Julho pode contribuir grandemente nesse processo.

Identidade Cultural

Serpa (2007, p. 141) define a palavra cultura como sendo de origem romana e que exprimia reverência para com o testemunho do passado. O mesmo autor considera que no processo de construção da identidade de um lugar, sendo a “diferença” de identidades que o

caracterizam em sua fundação, esta diferença acaba por unir-se gerando uma igualdade, ou seja, uma nova identidade para o lugar.

Para Hall: “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13), afirma ainda que ela sempre permanecerá incompleta, pois sempre estará em processo de formação. Seguindo o pensamento desse autor, Campo Grande que possui uma mistura tão grande de povos, dificilmente chegará a uma cultura una, e talvez, isso seja o que mais a caracteriza e que forma a sua própria identidade ou a sua “não identidade”.

Serpa (2006) afirma que as sociedades da modernidade são caracterizadas pela diferença, porém essas diferenças acabam por criar novas identidades. Sendo assim, o autor considera que o termo correto a ser utilizado seria identificação e não identidade, isso porque é um processo em andamento, inacabado. A grande responsável por todas essas mudanças para Serpa é a globalização, que segundo ele “tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e mais diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas.” (SERPA, 2006, p. 87).

Plano de Revitalização do Centro

A Prefeitura Municipal de Campo Grande, por entender a importância que o patrimônio histórico-cultural possui na formação e no reforço da identidade de um povo, resolveu por meio da Lei Complementar nº 161 de 20 de julho de 2010 e do Decreto nº 11.510, de 23 de maio de 2011, lançar o Plano de Revitalização do Centro, onde a primeira ação a ser implementada foi a limpeza das fachadas dos prédios que compõem o perímetro definido como “Zona Especial de Interesse Cultural”, do qual a Rua 14 de Julho faz parte. Como já foi dito anteriormente, essa rua pode ser considerada a principal do centro comercial de Campo Grande, tendo milhares de pessoas passando por ela todos os dias.

Após o início do projeto de revitalização, vários prédios que foram construídos nas primeiras décadas do século XX se tornaram visíveis a todos os que passam por eles, isso porque outrora os *banners* e placas que identificavam as lojas do comércio camuflavam e ou escondiam suas fachadas. Agora se pode contemplar a beleza e a riqueza de detalhes que muitos deles possuem, apaixonando-se por eles e pela sua história.

Segundo Silva (2006), “todo fragmento urbano antigo deve ser integrado no Plano Diretor Local, Regional e Territorial, que simboliza sua relação com a vida presente” (SILVA, 2006, p. 27). O que a autora cita vem confirmar a importância da preservação ou da revitalização de fragmentos do passado, que assumem no presente o poder de contar a história de um povo ou de uma nação. Para a autora, “A história e a memória são atributos que indiscutivelmente conferem identidade aos lugares e, portanto, imprimem autenticidade nas propostas de revitalização de sítios históricos urbanos” (SILVA, 2006, p. 36). Ela ainda ressalta ainda que “o uso do patrimônio é a maior garantia da sua conservação” (SILVA, 2006, p. 29), ou seja, quando se criam estratégias para a utilização do patrimônio histórico-cultural, como no caso existe o projeto de implantação de uma área de lazer com paisagismo e bancos para descanso, além de um espaço destinado a apresentações culturais na Rua 14 de Julho, isso se tornará a maior garantia de que o espaço será conservado e contribuirá para a formação do sentimento de pertença nos moradores e conseqüentemente, o reforço de suas identidades.

Menegazzo reconhece que “os espaços culturais tem a propriedade de concentrar bens materiais, que possibilitam a leitura do imaginário de uma determinada coletividade” e afirma ainda que “são os espaços que permitem que as práticas culturais do presente se manifestem” (MENEGAZZO, 1999, p. 227). Dessa forma, com a revitalização do centro, a Rua 14 de Julho não será apenas uma rua histórica da cidade, mas sim um espaço cultural que possibilitará o resgate da história, propiciando manifestações culturais que darão continuidade no processo de construção da identidade cultural da cidade.

Em entrevista ao *site* de notícias *Campo Grande News*, Catiana Sabadim, coordenadora de projetos da prefeitura, citou que o Projeto de Revitalização prevê mudanças em todo o sistema de drenagem; rede de água; embutimento da fiação elétrica e de telefonia que passarão a ser subterrâneas; uniformização do mobiliário urbano (lixeiras, telefones públicos, bancas de revista). A concepção do projeto é transformar a Rua 14 de Julho em um autêntico *shopping* a céu aberto, com arborização, sombreamento, ampliação das calçadas de três metros para 4,20 metros de largura, abertura de áreas de convivência, proibição de estacionamento (entre Afonso Pena e Cândido Mariano). Para alargar a calçada, duas pistas de rolamento serão retiradas permanecendo apenas duas. O prazo de conclusão para este projeto na Rua 14 de Julho é de 20 meses a partir da assinatura da ordem de serviço.

A Rua 14 de Julho

A Rua 14 de Julho recebeu este nome em homenagem a Queda da Bastilha, fortaleza usada como prisão de intelectuais e nobres, principalmente os opositores do regime absolutista que imperava na França no século XVIII, sendo este evento decisivo para o início da Revolução Francesa. Foi o vereador Miguel Garcia Martins que propôs este nome para o “beco” como era conhecido o principal trilheiro da cidade no início do século XX (MACHADO, 2008).

Segundo Machado (1991), apesar de não ser a rua mais antiga da cidade, a Rua 14 de Julho assumiu desde cedo o posto de principal rua da cidade, principalmente devido a esta ser o caminho mais usual para se chegar à estação ferroviária, tendo a preferência dos comerciantes para a instalação de seus negócios. Para Oliveira Neto (2005), esta preferência não era por acaso: a Rua 14 de Julho possuía o Jardim Público que fora planejado para ser o ponto de encontro da sociedade local, desta forma os moradores da Rua Velha (atual 26 de Agosto) preferiam ir à Estação de Trem pela Rua 14 de Julho ao invés da Rua Santo Antônio, como se chamava a atual Rua Calógeras.

A Rua Calógeras foi a contemplada com a Estação Ferroviária, porém a Rua 14 de Julho que ficava ao lado é que foi a preferida pelos comerciantes que chegaram instalando armazéns, hospedarias e lojas, com o intuito de atender à demanda da população da cidade, mas principalmente, a dos trabalhadores da ferrovia e de seus familiares (MACHADO, 1991).

Outro fato que levou os campo-grandenses a consagrar a Rua 14 de Julho como a rua das manifestações políticas e sociais da cidade foi a construção do monumento do relógio em 1933, na esquina da Rua 14 de Julho com a Avenida Afonso Pena. Oliveira Neto (2005) cita que, ao redor desse relógio aconteciam comícios de campanhas políticas, manifestações populares, *shows* de artistas e também o *footing* dos campo-grandenses, isso porque no auge do movimento nas décadas de 50 e 60, o Relógio da 14 era o preferido para ser o ponto de descanso ou mesmo de encontro dos jovens em busca de paqueras. Por conta de todo esse movimento, a Rua 14 de Julho desde a vinda da NOB para Campo Grande foi se consagrando pouco a pouco como a principal rua da cidade.

Segundo Oliveira Neto (2005), a Rua 14 de Julho, juntamente com a Avenida Calógeras, a Rua Candido Mariano Rondon e a Rua Dom Aquino, até os dias atuais centraliza as atividades econômicas no centro urbano de Campo Grande, possuindo a maior movimentação de pedestres da cidade, porém esse movimento ocorre apenas durante o horário comercial, ficando vazia à noite. A rua que durante quase um século centralizou praticamente

todos os tipos de movimentos políticos e sociais da cidade, se vê hoje num estado de abandono, e é isso que o Plano de Revitalização do Centro pretende reverter, reavivando não apenas a história da Rua 14 de Julho, mas trazer um novo espaço de lazer e cultura para a população.

Metodologia

O estudo foi realizado na cidade de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste, situada no Planalto Sedimentar do Paraná, tendo o seu território delimitado pelas latitudes de 20° e 13' Norte: 21° e 34' Sul e, as longitudes de 53° 36'15" Leste e, 54° 38' 47" Oeste, limitando-se com os municípios de Jaraguari, Rochedo, Terenos, Sidrolândia, Nova Alvorada do Sul e Ribas do Rio Pardo (SALGADO, 2001).

O principal objeto de estudo desse trabalho compreende a área da Rua 14 de Julho, mais precisamente entre as ruas 26 de Agosto e a Avenida Mato Grosso. São nove quarteirões que concentram a maior parte dos prédios históricos do município devido ao desenvolvimento da região, principalmente após a construção da Ferrovia Noroeste do Brasil.

Foram utilizados os métodos histórico, comparativo e observação *in loco*, além de pesquisa bibliográfica e documental.

Segundo Marconi e Lakatos (2003), o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, esse método foi escolhido para esta pesquisa porque para entender o processo de formação identitária da cidade de Campo Grande, faz-se necessário conhecer como ocorreu o seu processo de formação.

Outro método que mostrou ser de grande eficácia foi o comparativo. Segundo Marconi e Lakatos “este método realiza comparações, com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências” e “é usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, ou entre os existentes e os do passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 107).

A observação *in loco* foi utilizada, pois segundo Alvarez, a observação é o “único instrumento de pesquisa e coleta de dados que permite informar o que ocorre de verdade, na situação real, de fato” (ALVAREZ, 1991, p. 560).

Pela pesquisa bibliográfica, foram consultadas diversas obras de historiadores para relatar com a maior fidelidade possível os acontecimentos que marcaram a história da cidade,

além de outras como as de sociólogos e de pesquisadores do Turismo, com o propósito de fundamentar teoricamente o trabalho. Para Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica consiste no levantamento de toda bibliografia já publicada, tendo como finalidade fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando na análise de sua pesquisa ou na manipulação de informações. Documental por terem sido consultadas as leis, decretos e outros documentos da administração pública.

Diante disso, foi possível realizar a análise do Plano de Revitalização do Centro de Campo Grande, obtendo-se um panorama mais completo sobre a questão, através de considerações mais consistentes sobre todo o processo e dessa forma, analisar o papel da revitalização do Centro e em especial da Rua 14 de Julho no fortalecimento da identidade de Campo Grande.

Revisão Bibliográfica

Faz-se necessário se apontar alguns conceitos que são de extrema importância para o contexto apresentado ao longo de todo o trabalho, como os significados de Patrimônio, Patrimônio Histórico-Cultural, Identidade Cultural e o Turismo Cultural.

Segundo Abreu (2003), patrimônio é tudo aquilo que pertence a alguém, carrega a ideia de propriedade de alguém, porém a autora traz que no início esse termo era utilizado apenas para se referir as posses de alguém da nobreza e que apenas após a Revolução Francesa foi que o conceito de patrimônio passou a se referir também ao conjunto de bens dos cidadãos em geral, ou seja, surgiu o patrimônio público.

Um patrimônio preservado tem o poder de mexer com os sentimentos de quem o contempla, o admira. “O monumento trabalha e mobiliza a memória coletiva por meio da emoção e da afetividade, fazendo vibrar um passado selecionado, com vistas a preservar a identidade de uma comunidade étnica, religiosa, nacional, tribal ou familiar” (CHOAY, 1996, p. 4-5). Este monumento ao que a autora se refere pode também ser chamado de patrimônio histórico-cultural, pois se trata de um patrimônio histórico material (físico), porém assume uma grande proporção ao ser assimilado pela população como algo que represente a história de seu povo, de sua nação, gerando o reforço de sua identidade junto a este povo, a esta história.

Importantes autores falaram sobre a importância do patrimônio preservado para aumentar no morador o seu apego e reforçar o sentimento de pertença à localidade onde vive, dentre eles podemos citar Beni (2000), Barreto (2000/2013), Adams (2002), Le Goff (2003), Choay (2006), Gonçalves (2007), e vários outros que abordaram o tema patrimônio cultural e identidade local. Gonçalves discorre sobre os patrimônios culturais:

Os patrimônios culturais são estratégias por meio das quais grupos sociais e indivíduos narram sua memória e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento, na medida mesmo em que as transformam em 'patrimônio'. Transformar objetos, estruturas arquitetônicas, estruturas urbanísticas, em patrimônio cultural significa atribuir-lhes uma função de 'representação' que funda a memória e a identidade (GONÇALVES, 2007, p. 155).

Nesse trecho, o autor fala da importância que os vários signos produzidos pelas sociedades assumem na formação e no fortalecimento da identidade de um grupo social, o que reforça o tema proposto por este trabalho.

Adams chama a atenção para um ponto muito importante: "A procura por uma identidade requer muito mais que a manutenção de formas congeladas no tempo e a valorização plena das coisas autênticas: exige sua reutilização com um sentido social (ADAMS, 2002, p. 20)". Neste ponto, o autor explica que não basta recuperar prédios ou fachadas de locais com alguma importância histórica ou cultural – é necessário também criar mecanismos para que estes locais sirvam de algum modo à sociedade, pois que serventia teria para o morador se só servisse para a contemplação? Mais do que isso, é necessário envolver a comunidade como um todo para que haja de fato a preservação e a conservação daquele bem histórico-cultural.

Hoje, cada vez mais as pessoas cansadas da correria do dia-a-dia, buscam nas viagens o descanso e a reposição das suas energias. Muitos buscam enriquecer o seu currículo cultural, conhecendo outras comunidades, povos ou nações, culturas diferentes da sua, modo de fazer-saber peculiares a estes povos, e é aí que o turismo entra como o grande facilitador e divulgador desses locais.

Foi assim que surgiu o Turismo Cultural, segmento que aborda a cultura e a identidade de um povo, comunidade ou mesmo uma nação, através das várias formas que o ser humano utiliza para se expressar, segundo Barreto (2000), pode ser através de edificações com valor histórico ou através de manifestações da cultura imaterial como as danças, culinária, música, etc. Barreto (2000, p. 29), ainda o define da seguinte forma: "O turismo com base no legado

cultural é aquele que tem como principal atrativo o patrimônio cultural”. Para a autora, o Turismo Cultural abrange tudo aquilo que possui uma relevância para a história e que é capaz de deixar um legado para as futuras gerações.

A ideia de conservação e preservação dos bens culturais surgiu apenas na década de 40, após a Segunda Guerra Mundial, no intuito de romper com o antagonismo que existia entre as nações (ABREU, 2003). Como não poderia ser diferente, assim que o progresso chegou à cidade de Campo Grande nas primeiras décadas do século XX, com ele muitos dos prédios que existiam tiveram que dar espaço aos novos e modernos empreendimentos, aquela arquitetura simples já não combinava com as novas tendências para a época, não havia a valorização daqueles prédios que marcaram o início do povoamento.

Por sua vez Miguel Bahl (2004), cita a importância do estabelecimento de uma política cultural e os benefícios que ela pode trazer como estimular o resgate da cultura local; incentivar a conservação e restauração da arquitetura típica; entre outros tantos benefícios. Dentre estas políticas, o mesmo autor destaca algumas ações que podem ser realizadas com o objetivo de desenvolvimento do turismo cultural: realização de atividades que possibilitem o resgate da memória do local; delimitação de áreas ou locais que contenham edificações ou elementos culturais e históricos mais expressivos; e determinação e desenvolvimento de programas e projetos que promovam a revitalização de bairros, ruas e prédios (BAHL, 2004, p. 46-47).

Conforme cita Beni (2000), o turismo contribui para a preservação dos valores culturais de uma comunidade e que em muitos casos atua no resgate da memória de um povo, porém faz uma ressalva para o perigo de uma instituição oficial “criar” um patrimônio, ou seja, artificializar algo que deve ser espontâneo, vir de “dentro para fora” e não algo imposto a qualquer preço.

Sendo assim, um projeto de revitalização poderá favorecer a abertura dos olhos do morador e também do turista no tocante a significação e importância do local para a preservação e desenvolvimento do local por meio da atividade turística.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Se compararmos a cidade de Campo Grande com a de Curitiba no estado do Paraná, é possível perceber que as duas possuem grande semelhança quanto ao processo de formação cultural e étnica. Macedo (2014) cita o caldeamento cultural da cidade de Curitiba a partir da

vinda de imigrantes de diversas nacionalidades como Itália, Alemanha, Polônia, Ucrânia, Japão (estes chegaram um pouco mais tarde) e países árabes, imigrantes estes que em massa se instalaram na cidade a partir de 1800, estimulados em grande parte pela construção da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba.

O autor cita também que estes imigrantes somaram-se aos tropeiros vindos do Rio Grande do Sul, que utilizavam Curitiba como um entreposto comercial para as suas viagens até Sorocaba em São Paulo (de onde o gado era levado para Minas Gerais), e claro, aos índios moradores originais da área. Outra semelhança entre as duas cidades segundo o mesmo autor é o fato de Curitiba também possuir vocação para o turismo de negócios, assim como acontece em Campo Grande.

Tendo em vista estas semelhanças, principalmente no que concerne à formação étnica e cultural das duas cidades, a multiplicidade de culturas e identidades que compõem a população, optou-se por tomar a cidade de Curitiba como um exemplo de que onde o patrimônio histórico e cultural é devidamente respeitado, por meio da adoção de políticas de revitalização e conservação, o sentimento de pertença e o orgulho de fazer parte da construção da história da cidade contribuem fortemente para a formação da identidade do lugar.

Amanda Bahl (2010) relata que: “Para muitos, a identidade curitibana é de modernidade, de consumismo e de evolução, mas ainda existem resquícios de meios de vida mais interioranos e antigos, como os velhos armazéns da cidade” (BAHL, 2010, p. 6). Mais uma vez isso aproxima as duas cidades e em especial com a Rua 14 de Julho, local onde a nostalgia de um tempo de prosperidade e de relações sociais foram bastante intensas. A autora cita o cinema como uma importante ferramenta para o resgate cultural e identitário de uma cidade. Aqui cita-se a revitalização de uma rua que concentrou praticamente todas as atividades comerciais, políticas e sociais da cidade ao longo de quase um século para haver esse resgate.

Segundo Procopiuck e Djalo (2008), a revitalização do centro histórico da capital paranaense teve início em 2005 com discussões e propostas e em 2008, através da iniciativa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), da Prefeitura e da Federação do Comércio, ambas de Curitiba, conceberam o “Projeto de Revitalização do Entorno do Paço da Liberdade”, que restaurou ruas, fachadas, monumentos e empresas da região, tendo como objetivo principal resgatar a cultura, a história e o comércio local do centro de Curitiba. Não entrando na questão do processo de gentrificação que é uma crítica feita por alguns autores, a revitalização fez com que as pessoas que haviam abandonado o centro da cidade devido à sua degradação e o aumento da violência, retornassem a estes locais

e o utilizassem como ponto de encontro e para a realização de suas compras, contribuindo assim no processo de valorização do local o que conseqüentemente o aumento do apego por ele.

Outra cidade que se pode citar como exemplo de revitalização do centro e em especial de uma rua e que contribuiu para o resgate e fortalecimento da identidade do local é Florianópolis, capital de Santa Catarina. Segundo Barreto (2013), por iniciativa de comerciantes locais e da Associação Comercial e Industrial de Florianópolis realizou-se a revitalização da Rua Vidal Ramos entre os anos de 2007 e 2012. Esta rua, mesmo estando localizada no centro histórico da cidade era muito pouco frequentada e desconhecida pela maioria da população e pelos turistas, após a revitalização tornou-se um *shopping* a céu aberto, tendo a preferência das pessoas quanto ao seu trajeto. Os benefícios vão além: os moradores voltaram a se reunir em grupos nas portas das lojas ou nos bancos da rua, a fim de jogar conversa fora e confraternizar-se resgatando as características que outrora imperavam na cidade entre a população.

O mesmo se espera para a Rua 14 de Julho, configurando os objetivos e estratégias do Plano de Revitalização. Os projetos executivos para a revitalização da Rua 14 de Julho já estão prontos, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) já aprovou o financiamento, falta o município negociar com o Ministério do Planejamento os termos definitivos do contrato, lançar o edital para definir a empresa responsável pela obra e dar continuidade ao projeto de revitalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a conclusão das pesquisas realizadas, verificou-se que a revitalização de um centro histórico pode fortalecer a identidade cultural de uma cidade e reafirmar o sentimento de pertença dos moradores locais como aconteceu em Curitiba e Florianópolis entre tantas outras cidades. O que vemos em Campo Grande é um projeto bem elaborado, que contou com ampla discussão dos segmentos envolvidos como o poder público, a iniciativa privada, a sociedade e o comércio local, porém que por conta da crise política enfrentada pela cidade nos últimos três anos, não tem sido posto como prioridade pelos governantes.

Robertson (2001) afirma que o sucesso dos projetos de revitalização de centros históricos só é possível quando há êxito nas parcerias entre o poder público e a iniciativa privada e quando isso acontece, ocorre a valorização da cidade e o resgate da autoestima dos

moradores. Esse quadro pode ser facilmente conseguido se houver um empenho maior por parte da administração, pública que é a responsável pelo projeto, isso porque os recursos para a realização da obra (em torno de US\$ 58 milhões) já foram aprovados pelo BID que prevê os investimentos ao longo de 6 anos.

O Plano de Revitalização do Centro de Campo Grande poderá alcançar os objetivos propostos, porém se for devidamente implantado, seguindo as diretrizes e estratégias contidas no documento, não esquecendo que para o sucesso do Plano é fundamental que haja o envolvimento da sociedade através da conscientização e da participação em todas as etapas do projeto.

9 REFERÊNCIAS

ABREU, R. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.) *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 30-45.

ADAMS, B. *Preservação urbana: gestão e resgate de uma história*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

ALVAREZ, M. E. B. *Organização, Sistemas e Métodos*. São Paulo: McGraw Hill, 1991, v. 1 e 2.

ARQUIVO HISTÓRICO DE CAMPO GRANDE [ARCA]. Campo Grande imagens da história. *ARCA: revista do Arquivo Histórico de Campo Grande*, Campo Grande, MS, n. 15, 2011. Edição especial.

ARRUDA, A. M. V. de. *Arquitetura e Urbanismo em Campo Grande*, Revista Ensaios e Ciências 02. Campo Grande: Uniderp, 1999.

_____. *História da Arquitetura de Mato Grosso do Sul: origens e trajetórias*. – 1. ed. – Campo Grande, MS, 2009.

BAHL, M. *Fatores ponderáveis no turismo: sociais, culturais e políticos*. Curitiba: Prottexto, 2004.

BAHL, A. T. Um olhar para a cidade - Vida de Balcão. In: *Intercom Sul – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*. Curitiba, 2010.

BARRETTO, M. *Turismo e Legado Cultural: As possibilidades do planejamento*. São Paulo: Papirus, 2000. (Coleção Turismo).

- _____, M. *Revitalização urbana, lazer e turismo*. Revista Rosa dos Ventos, 5(4), p. 592-601, out-dez, 2013.
- BARROS, A. L. de. Crônicas de uma vila centenária. In: *Campo Grande: 100 anos de construção*. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.
- BENI, M. C. *Análise Estrutural do Turismo*. 3. ed. São Paulo: Senac, 2000.
- CABRAL, P. E. Formação étnica e demográfica. In: *Campo Grande: 100 anos de construção*. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.
- CAMPESTRINI, H.; GUIMARÃES, A. V. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Tribunal de Justiça, 1997.
- CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. Trad. Luciano Vieira Machado. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2006.
- CORRÊA, A. N. S. A criação do Estado de Mato Grosso do Sul. In: *Campo Grande: 100 anos de construção*. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.
- COSTA, C. Evolução urbana. In: *Campo Grande: 100 anos de construção*. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.
- GOMES, A. A. *O município de Campo Grande em 1922*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2004.
- GONÇALVES, J. R. S. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro – 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. *Estimativa da população de Campo Grande 2015*. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=500270&idtema=130&search=mato-grosso-do-sul|campo-grande|estimativa-da-populacao-2015>>. Acesso em: 30 de mar. 2015.
- LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: *História e Memória*. 5. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2003. p. 525-541.
- MACEDO, G. *Instituto Cultural de Curitiba*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.
- MACHADO, P. *A rua principal*. Campo Grande, MS: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1991. (Pelas ruas de Campo Grande, v. 2).
- _____. *Pelas Ruas de Campo Grande*. 2. ed. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2008.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MENEGAZZO, M. A. Manifestações culturais em Campo Grande: Apontamentos para uma história. In: *Campo Grande: 100 anos de construção*. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.

OLIVEIRA NETO, A. F. de. *A rua e a cidade: Campo Grande e a 14 de Julho*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005.

PEREIRA, E. B. *História da fundação de Campo Grande*. Campo Grande, MS: Edição do Autor, 2002.

PROCOPIUCK, M.; DJALO, A. B. Comércio como fator de coesão dos centros urbanos: Caso da revitalização comercial do centro de Curitiba. *Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica*, v. 10, nº 03, p. 313 – 334, set/dez. 2008.

ROBERTSON, K. Downtown Development Key Trends & Practices. In: *Policy Brief*, v.8, p. 1-2, 2001 apud PROCOPIUCK, M; DJALO, A. B. Comércio como fator de coesão dos centros urbanos: caso da revitalização comercial do centro de Curitiba, 2008.

SALGADO, E. M. *Mato Grosso do Sul e a mesopotâmia do Prosa e Segredo*. Campo Grande, MS: E. M. Salgado, 2001.

SERPA, A. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, A. P. da. O turismo nos sítios urbanos: o patrimônio para além dos monumentos. In: Barreto, M. (Org.) *Turismo, cultura e sociedade*. Caxias do Sul, RS: EducS, 2006.

SOTILLI GARCIA, D. S. *Identidade cultural e imagem turística projetada da cidade de Campo Grande, Mato Grosso Do Sul*. Curitiba, 2013.

ANEXOS

ANEXO 1 - Imagens da Rua 14 de Julho



Figura 1 – Rua 14 de Julho em 1920.

Fonte: Arquivo Histórico de Campo Grande (2015)



Figura 2 – Rua 14 de Julho em 2015.

Fonte: A autora (2015).

ANEXO 2 – Critérios para publicação na Revista Internacional de Desenvolvimento Local – Interações

INTERAÇÕES

Revista Internacional de Desenvolvimento Local

Art. 1o - *Interações*, Revista Internacional do Programa de Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco, destina-se à publicação de matérias que, pelo seu conteúdo, possam contribuir para a formação de pesquisadores e para o desenvolvimento científico, além de permitir a constante atualização de conhecimentos na área específica do Desenvolvimento Local.

Art. 2o - A periodicidade da Revista será, inicialmente, semestral, podendo alterar-se de acordo com as necessidades e exigências do Programa; o calendário de publicação da Revista, bem como a data de fechamento de cada edição, serão, igualmente, definidos por essas necessidades.

Art. 3o - A publicação dos trabalhos deverá passar pela supervisão de um Conselho de Redação composto por três professores do Programa de Desenvolvimento Local da UCDB, escolhidos pelos seus pares.

Art. 4o - Ao Conselho Editorial caberá a avaliação de trabalhos para publicação.

§ 1o - Os membros do Conselho Editorial serão indicados pelo corpo de professores do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local, entre autoridades com reconhecida produção científica em âmbito nacional e internacional.

§ 2o - A publicação de artigos é condicionada a parecer positivo, devidamente circunstanciado, exarado por membro do Conselho Editorial.

§ 3o - O Conselho Editorial Internacional, se necessário, submeterá os artigos a consultores *ad hoc*, para apreciação e parecer, em decorrência de especificidades das áreas de conhecimento.

Art. 5o - A Revista publicará trabalhos da seguinte natureza:

I - Artigos inéditos, que envolvam, sob forma de estudos, abordagens teóricas ou práticas referentes à pesquisa em Desenvolvimento Local, e que apresentem contribuição relevante à temática em questão.

II - Traduções de textos fundamentais, isto é, daqueles textos clássicos não disponíveis em língua portuguesa, que constituam fundamentos da área específica de Desenvolvimento Local e que, por essa razão, contribuam para dar sustentação e densidade à reflexão acadêmica, com

a devida autorização do autor do texto original.

III - Entrevistas inéditas sobre trabalhos relevantes e voltados para o Desenvolvimento Local.

IV - Resenhas de obras inéditas e relevantes que possam manter a comunidade acadêmica informada sobre o avanço das reflexões na área do Desenvolvimento Local.

Art. 6o - A entrega dos originais para a Revista deverá obedecer aos seguintes critérios:

I - Os artigos deverão conter **obrigatoriamente**:

a) título em português, inglês, francês e espanhol;

b) nome do(s) autor(es), identificando-se em rodapé as respectivas instituições, endereços eletrônicos, dados relativos à produção do artigo, bem como possíveis auxílios institucionais;

c) cada artigo deverá conter, no máximo, **três autores**, os quais, pela simples submissão do artigo, assumem a responsabilidade sobre autoria e domínio de seu conteúdo;

d) resumo em português, inglês, francês e espanhol com, no máximo seis linhas ou 400 caracteres, rigorosa mente corrigidos e revisados, acompanha dos, respectivamente, de palavras-chave, todas em número de três, para efeito de indexação do periódico;

e) texto com as devidas remissões bibliográficas no corpo do próprio texto;

f) referências.

II - Os trabalhos devem ser encaminhados para acdorsa@ucdb.br, dentro da seguinte formatação:

a) arquivo no padrão Microsoft Word;

b) autorização para publicação (Art. 7o), devidamente assinada pelo(s) autor(es), digitalizada, bem como **endereço completo para correspondência**, para o recebimento dos exemplares;

c) o texto deverá ter entre 10 e 18 páginas redigidas em espaço 1,5;

d) caso o artigo traga gráficos, tabelas ou fotografias, o texto deverá ser reduzido em função do espaço ocupado por aqueles;

e) a fonte utilizada deve ser a *Times New Roman*, tamanho 12;

f) os caracteres itálicos serão reservados exclusivamente a títulos de publicações e a palavras em idioma distinto daquele usado no texto, eliminando-se, igualmente, o recurso a caracteres sublinhados, em negrito, ou em caixa alta; todavia, os subtítulos do artigo virão em negrito;

III - Todos os trabalhos devem ser elaborados em qualquer língua, com texto **rigorosamente corrigido e revisado**.

IV - Eventuais ilustrações, fotos e imagens com respectivas legendas devem ser apresentadas inseridas no texto e separadamente, em formato TIFF, JPG, WMF ou EPS.

V - As referências e remissões deverão ser elaboradas de acordo com as normas de referência da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT – 6023).

VI - As opiniões e conceitos emitidos pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade.

VII - Os limites estabelecidos para os diversos trabalhos somente poderão ser excedidos em casos real mente excepcionais, por sugestão do Conselho Editorial e a critério do Conselho de Redação.

Art. 7o - O(s) autor(es) deverá(ão) enviar declaração de elaboração, domínio do conteúdo e autorização para publicação do artigo (disponível no *site* do periódico).

Art. 8o - Não serão aceitos textos que não obedecerem, rigorosamente, os critérios estabelecidos. Os textos recusados serão devolvidos para os autores acompanhados de justificativa.

Art. 9o - A simples remessa de textos implica autorização para publicação e cessão gratuita de direitos autorais.

Art. 10 - Os autores que publicarem artigos na Interações só poderão publicar novamente nesta revista após um período de dois anos.

Art. 11 - Em um mesmo número da Revista não será permitido constar mais de um artigo do mesmo autor, mesmo que em coautoria.

Art. 12 - Ao autor de trabalho aprovado e publicado será fornecido, gratuitamente, um exemplar do número correspondente da Revista.

Art. 13 - Uma vez publicados os trabalhos, a Revista reserva-se todos os direitos autorais, inclusive os de tradução, permitindo, entretanto, a sua posterior reprodução como transcrição, com a devida citação da fonte.

Para fins de apresentação do artigo, considerem-se os seguintes exemplos (as aspas delimitando os exemplos foram intencionalmente suprimidas):

a) Remissão bibliográfica após citações: *In extenso*: O pesquisador afirma: “a sub-espécie *Callithrix argentata*, após várias tentativas de aproximação, revelou-se avessa ao contato com o ser humano” (SOARES, 1998, p. 35).

Paráfrase: como afirma Soares (1998), a subespécie *Callithrix argentata* tem se mostrado avessa ao contato com o ser humano...

b) Referências:

JACOBY, Russell. *Os últimos intelectuais*: a cultura americana na era da academia. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Trajetória/Edusp, 1990.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. A redefinição do lugar. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 1995, Aracaju. *Anais...* Recife: Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia, 1996. p. 45-67.

_____. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.

SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, Marcelo L. Algumas notas sobre a importância do espaço para o desenvolvimento social. *Revista Território* (3), p. 14-35, 1997.

WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

c) Emprego de caracteres em tipo itálico: os programas de pós-graduação *stricto sensu* da universidade em questão...; a subespécie *Callithrix argentata* tem se mostrado...

Endereço para correspondência e envio de artigos:

Universidade Católica Dom Bosco

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico

INTERAÇÕES – Revista Internacional de Desenvolvimento Local

Av. Tamandaré, 6.000 – Jardim Seminário

CEP 79117-900 Campo Grande-MS

Fone: (67) 3312-3593

e-mail: acdorsa@ucdb.br